

DELEGAÇÃO EM ÉVOBA:

Rua João de Deus, 66, 1.º — APAETADO 64 — Telef. 2 41 51

SEDE DA ADMINISTRAÇÃO E REDACÇÃO:

Zona de Urbanização a Sul do Mercado, Lote 2 — Telef. 4 21 13 (P.P.C.)

ASSINATURAS:

Trimestre — 13 números: Portugal, 30\$00; Estrangeiro, 50\$00

O nosso jornal e o 25 de Abril

Uma explicação que se deve

Este jornal, datado de Sábado, é redigido até à manhã de 4.ª feira.

Composto neste dia, é paginado e impresso na manhã seguinte, sendo nessa tarde dobrado, rotulado e entregue no correio, para poder chegar no Sábado à mão da maioria dos leitores. Por isso é muitas vezes distribuído à 6.ª feira em terras próximas, havendo outras, as mais distantes, onde no entanto só é recebido na segunda-feira. Condicionamento que não poderemos modificar e de que nem sequer é justo culpar os serviços dos correios, encerrados na parte da tarde de Sábado e durante todo o Domingo.

Isto em condições normais. Nesta semana, por exemplo, que o não é, dado o 1.º de Maio, especialmente festejado pelas classes trabalhadoras e, particularmente, pelo pessoal da Imprensa, o nosso jornal tem de ficar redigido na 2.ª feira, para ser composto na terça. Mas vale a pena: em 1974 os Trabalhadores e a Imprensa Portuguesa vão ter um «1.º de Maio» a sério, feliz, sem receios nem represálias. E dizemos «vão ter», precisamente porque escrevemos dois dias antes, fazendo-o com a convicção de que quando os nossos leitores nos lerem sentiremos com eles, com orgulho, que «tivemos».

Só devido às circunstâncias de feitura do nosso jornal se deve o nosso último número, datado de 27, não ter feito qualquer alusão ao histórico dia 25 DE ABRIL, que coincidiu com a sua entrada no correio. Mas quem verdadeiramente nos conhece sabe quanto os acontecimentos desse dia nos encheram de alegria, de entusiasmo e de esperança. É que, com efeito, principiou para nós uma época que já se identifica com o espírito de independência que nos caracteriza, possibilitando-nos a abertura e a autonomia de que em situação anterior não dispúnhamos. Que essa época se mantenha!

Somos — sempre fomos — por uma democracia sã, para que para sempre viva Portugal.

Nossa Senhora da Conceição

I
Vila Viçosa sempre teve Nobreza e fidalguia
O solar da Padroeira é a terra de Santa Maria

II
Vila Viçosa é fidalga
e como tu não há igual
Tens dentro do teu castelo
A Padroeira de Portugal

III
És a estrela mais brilhante
Em toda a nossa nação
Iluminas o mundo inteiro
Imaculada Conceição

IV
Ó Castelo de Vila Viçosa
és altar da Padroeira
onde o D. João IV ajoelhava
E D. Nuno Álvares Pereira

V
Senhora da Conceição
Padroeira do céu e da Terra
Salvai o Nosso Portugal
e livrai os rapazes da guerra

M. P.

Apoio dos padeiros do Alto Alentejo à Junta de Salvação Nacional

Na passada 2.ª feira pela manhã, o presidente da direcção do Grémio dos Industriais de Panificação dos Distritos de Évora e de Portalegre, enviou ao Presidente da Junta de Salvação Nacional o seguinte telegrama, no qual expressa o apoio dos padeiros do Alto Alentejo ao novo Governo e lhe oferece franca e leal colaboração:

«Excelentíssimo Senhor
Presidente Junta Salvação Nacional
Palácio Cova da Moura

LISBOA

Presidente direcção Grémio Industriais Panificação Évora certo interpretar sentimento todos industriais panificação Alto Alentejo apresenta Excelentíssima Junta Salvação Nacional respeitosos cumprimentos rendendo maiores homenagens heróicos salvadores do País garantindo-lhes total apoio e a melhor colaboração.

Convencidos temos finalmente governantes objectivos capazes resolver situação Grémio industriais e pessoalmente signatário oferecem Vossas Excelências franca e leal coo-

peração ajudar oportunamente Governo resolver situação agonizante desta sacrificada indústria pensando sua sobrevivência e sobretudo bem público e justas retribuições e regalias condignas nesses também sacrificados amigos e dedicados trabalhadores.

Congratulando-se era feliz Vossas Excelências oferecem nossa Pátria reitera maiores homenagens e respeitosos cumprimentos.

Gabriel Jacinto Primo Jaleco

O dia 25 de Abril de 1974

Dia ímpar nos anais da minha existência.

Há quarenta e seis anos que suportava com bastante sacrifício o peso da ditadura fascista.

Como ser humano e possuidor duma moral sã e honesta, repugna-me, enoja-me, a falta de civismo e a desonestidade dos homens que se guindaram às posições de mando, e têm cometido toda a casta de atropelos à razão e à justiça.

Nesta data, com 73 anos, receava desaparecer do número dos vivos sem que eles fossem chamados a prestar contas dos seus erros e crimes. Esta a razão porque chamo a este dia 25 de Abril um dia ímpar.

Viva a República! Viva a Liberdade!

Avis, 25 de Abril de 1974.

José Pires

A chegada do dr. Mário Soares

Com o entusiasmo próprio das pessoas conscientes ao viverem os grandes momentos, telefonou para a nossa redacção no passado Domingo o nosso amigo e dedicado colaborador, Gregório Gomes, que relatou

ao nosso director, passo a passo, os pormenores da chegada do Dr. Mário Soares a Lisboa, acabada de verificar, e a que assistira.

Notícia grande de acontecimento (CONT. NA ÚLTIMA PAGINA)

Grande peregrinação a Vila Viçosa

Hoje e amanhã decorrerão nesta vila as cerimónias da peregrinação arquidiocesana ao Solar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, Padroeira de Portugal

Desde quinta-feira que no Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, Padroeira de Portugal, se vem rezando o Ter-

ço em honra de Nossa Senhora, seguido de Missa com Pregação, a contar para a grande peregrinação arquidiocesana ao Solar da Padroeira, cujos participantes lucrarão as graças do Jubileu do Ano Santo.

Hoje, Sábado, às 21 horas e 30 minutos, haverá naquele Santuário, com Pregação, seguida, às 22 horas e 30 minutos, de Procissão de Velas com a Veneranda Imagem de Nossa Senhora da Conceição, presidida pelo Senhor Vigário Geral da Arquidiocese. A chegada da Procissão ao recinto do Santuário, será celebrada a Santa Missa de Comunhão Geral, na qual se fará o Ofertório Solene, e no final da Missa far-se-á a Exposição Solene do Santíssimo, que ficará para adoração dos fiéis durante toda a noite.

Amanhã, Domingo, às 6 horas haverá Bênção com o Santíssimo Sacramento, seguida de Missa. As 11 horas haverá recepção ao Senhor Ar-

Pardais

Aqui estou, novamente, junto de ti, linda Aldela, para dar cumprimento ao que prometi no último artigo que te dediquei e foi inserto, no simpático Semanário de «O Calipolense», jornal da sempre limpa e histórica Vila Viçosa e que se está interessando por todo o Concelho onde tu, como florescente e mimosa árvore, tão orgulhosamente pertences.

ALENTEJO DO PASSADO (II)

GENTE DE SOUSEL-1

Iniciando hoje esta nova série documental queremos esclarecer que o seu intuito é reconduzir o nosso pensamento a épocas distantes no passado, localizando pessoas e situações que, de algum modo, possam dar-nos ideia do que foi, em certos momentos, a vida ambiental de algumas terras do nosso termo alentejano.

Assim, ao começarmos por

uma evocação de Gente de Soussel fomos situar-nos, num primeiro apontamento, nos perío-

Secção de
M. I. PESTANA

dos que antecederam e sucederam imediatamente o grande momento histórico da Restauração.

É difícil trazer até à nossa

idade o rol completo das figuras mais responsáveis na vida local desses tempos. Todavia, ocorre-nos, a título de simples registo, lembrar nomes e cargos de pessoas que em Soussel, servindo o Duque de Bragança D. Teodósio II, pai do futuro rei D. João IV, dele receberam distinções ou ajudas segundo se regista nos respectivos livros

(CONT. NA ÚLTIMA PAGINA)

(CONTINUA NA PAGINA TRES)

(CONTINUA NA PAGINA TRES)

PARDAIS

Peregrinação a Vila Viçosa

(Continuado da página um)

Por isso, não te esqueças, Pardais, que também tens o dever de o estimar e acarinhá-lo, porque é ele que está fazendo chegar o teu nome a todos os cantos do País e do estrangeiro aonde, ele e o teu lugar, nem todos conhecem, assim como não conhecem as tuas belezas e nem as dos teus sinceros e pacatos habitantes. Portanto, se assim é, é justo que te dê alegria, por veres que o jornal do teu Concelho te dispensa notado carinho e destacada consideração, coisa a que deves corresponder, como sempre tem sido e será sempre ilimitada. Repara que o teu nome já foi há milhares de anos conhecido pelas Legiões Romanas de «Sila», quando elas partiam de «Pax Augusta» (Badajoz) e tinham de utilizar o caminho milenário que, passando por Olivença, atravessava o Guadiana junto à foz da tua Ribeira, em direcção ao Alandroal e Reguengos (balneário romano), para atingirem (Pax Júlia) Beja, Cidade que nesse tempo estava, dia e noite, sendo cuidadosamente guardada pelas tropas da grande Roma.

Aquelas Legiões, como todas as tropas, necessitavam cuidada protecção, principalmente, junto dos Rios que tinham de atravessar e, por isso, foi necessário construir perto da foz da tua Ribeira com aquele Rio, um destacado Posto de Observação que nesse tempo se chamava «Ataláia de Guerra», à qual foi dado o nome de «Pardais», de cuja Ataláia ainda hoje existem visíveis ruínas.

Essa «Ataláia» era ligada, pela linha visual, com outra situada na Serra do Cano e, desta última, se fazia o mesmo processo de ligação em direcção às de Terena e Santa Luzia. Portanto, como vês, a Ribeira que te deu o nome já, em tempos idos, serviu de guia e linha limite de orientação e segurança, a grandes forças militares, em movimento, coisa que, certamente, é para ti e para os teus natos, motivo de verdadeiro e especial orgulho.

Mas, Pardais, a história que eu te prometi contar é outra e não esta. A história prometida é a daquela que no ano de 290, da nossa era, pela primeira vez viu o claro Sol que o Céu ostenta ou seja a de Santa Catarina de Alexandria que, por maldade dos homens foi, terrivelmente, obrigada, em 308, também da nossa era, a entrar no sossego total e absoluto da morte, apenas com 18 anos de idade ou seja no ano em que o absoluto Maximiano era o grande Imperador e carrasco dos cristãos, apenas por eles não desejarem seguir as Leis Pagãs, mas sim a doutrina de Cristo.

Por esse mesmo motivo, poucos anos antes da sua morte, outra formosa donzela, de nome Blandina, tinha sido lançada às feras, as quais, já fartas, lhe não tocaram, coisa que muito impressionou o Imperador

Marco Aurélio que, mesmo impressionado, a mandou amarrar, a um enorme tronco de madeira aonde, um bravo e corpulento toiro, implacavelmente, a esmagou, não evitando porém, que a multidão assistente visse que aquela donzela, mesmo agonizante, mostrava um modo alegre e ridente. Aquela morte (de Blandina) tornou-se em completo rumor público e correu por toda a parte. Sabedora disso, Catarina (a muito pura) foi, cuidadosamente, pedir ao absoluto Imperador que não permitisse que os seus carrascos matassem os cristãos somente por eles não desejarem fazer sacrifícios humanos aos ídolos Pagãos, como era hábito daquelas gentes.

O Imperador, atento, escutou cuidadosamente as razões expostas e com tanta clareza, por uma tão linda e simpática rapariga que o conseguiu comover a um ponto tal que ordenou, imediata, convocação de várias dezenas dos seus teólogos sábios para a ouvirem e a rebater totalmente. Deu-se, porém, o caso de os sábios para isso convocados e que a escutaram, acabarem por concordar com as razões por ela apresentadas, em vez de a rebater, indo, seguidamente, transmitir ao Imperador que afinal a donzela tinha razão no que dizia e, eles mesmos, estavam resolvidos a seguir a doutrina por ela apresentada, porque lhe parecia ser melhor do que a sua.

O Imperador, completamente irritado com o que ouvira, ordenou que aqueles sábios fossem decapitados, permitindo, no entanto, que a decapitação só tivesse lugar depois de eles, como pediram, ter sido baptizados.

A decapitação deu-se realmente, mas o Imperador ficou pensativo perante a sua fraqueza e mandou, por isso, chamar à sua presença a donzela cristã que tanta sabedoria mostrava possuir. Durante aquela entrevista, o Imperador acabou por lhe dizer que gostaria de casar com ela, obtendo como resposta que ela o não podia fazer, porque só desejava ter por esposo o homem mais belo e maior do Mundo que era «Cristo» e mais ninguém.

Aquela resposta perturbou Maximiano que, sem demora, ordenou a imediata construção de uma, enorme e especial roda, guarnecida de afiadas navalhas e pontas de ferro cortantes e, umas e outras, atadas com segurança para quando passassem pelo corpo da donzela, presa a um volumoso poste, a fossem cortando, desde os pés até à cabeça, em bocados de pequenas dimensões. Fintos os preparativos, o Imperador e assistente, deu ordem para que o atroz instrumento fosse posto em movimento.

A força centrífuga, porém, fez saltar várias navalhas e pontas, que, animadas de enorme força e velocidade, foram, mortalmente, atingir

grande número de assistentes, mesmo assim, como Blandina, continuava a mostrar um aspecto alegre e ridente. O Imperador desorientado com o que estava vendo, ordenou ao carrasco, ali presente, que lhe cortasse a cabeça, o que aquele realmente cumpriu, mas quando o pesado machado a decapitou, como todos viram, já ela não pertencia ao número dos vivos.

Em seguida, o corpo da mártir, foi pedido por donzelas suas conhecidas que ao recebê-lo, carinhosamente, o conduziram ao Monte Sinal (Monte da Oração), onde o sepultaram na data que, no nosso calendário, corresponde a 25 de Novembro de cada ano, dia em que é festejada pelas populações, cristãs e católicas, da actualidade e, principalmente, pelas jovens solteiras.

Passados poucos anos, depois da sua morte, os Imperadores romanos, Cáo Flávio Aurélio, sua esposa Helena e seu filho Constantino, conduzem o Império da grande Roma a permitir a liberdade religiosa e, em 313/314, no chamado Concílio de Niceira, reunido na Cidade de Milão é deliberado a escolha de 29 Papas, classificados pela ordem dos maiores sofrimentos padecidos e, também, no mesmo Concílio, é votada e aprovada a canonização dos santos, coisa que, mais tarde, faz subir ao Altar a mártir Catarina de Alexandria ou seja a santa que hoje, merecidamente, é adorada e respeitada por todos os cristãos do Mundo e, em Pardais, como Padroeira, ainda mais venerada vem sendo pela sua crente e pacata população. Sobre esta Santa há várias lendas, mas as lendas são lendas e a história é sempre a história.

Ela está ali naquela Igreja — disse eu — cuja Igreja, como vês está voltada para o Nascente, lado donde nasce o Criador e divinizada Sol. Em frente dela, já foi, por mim, e pelos meus saudosos discípulos, plantada uma árvore, ao som do «Hino da Maria da Fonte» e da Canção de «O Semeador», cuja árvore hoje não existe, mas existe em nossa memória essa maravilhosa festa, bela, linda e útil, à qual se dava o nome de «A Festa da Árvore».

Caros amigos e companheiros, a nossa narrativa já vai longa, por isso, há que interrompê-la, deixando para breve o que ainda falta contar do que se passou naquele maravilhoso dia e prometo fazê-lo, se a conhecida gentileza do Ilustre Director do nosso «O Calipolense», assim o entender e permitir.

«Quero»

COUTADA

Precisa-se ou tomam-se posições

Resposta para o Largo 5 de Outubro, 64 ou pelo telefone 2762922.

COVA DA PIEDADE

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

LEMBRA QUE...

...ao volante precisamos de todos os nossos recursos; o álcool destrói os mais importantes e deixa-nos desamparados no meio do perigo.

(CONTINUADO DA PAGINA UM) cebispo de Évora no adro da Igreja, seguindo-se Santa Missa, celebrada pelo Ex.º Prelado, na presença da Veneranda Imagem de Nossa Senhora, na qual se fará o Ofertório Solene, rezando-se, no final, as orações prescritas para se ganharem as indulgências do jubileu. As 15 horas e 30 minutos haverá uma Soleníssima Procissão, presidida pelo Senhor Arcebispo, no fim da qual Sua Ex.ª dirigirá uma alocução aos peregrinos, fazendo em seguida a Consagração da Diocese a Nossa Senhora e dando bênção com o SS. Sacramento e a

recitação das orações prescritas para se ganharem as indulgências do Ano Santo. No final será celebrada Missa Rezada no altar de Nossa Senhora, dentro da Igreja.

A comissão pede para ninguém se incorporar nas procissões sem levar uma vela acesa, informando de que dispõe de postos de venda de artigos religiosos, lembranças, velas e fachos no Largo de Nossa Senhora. E quem quiser ter no Trono do Santíssimo «Velas Votivas» representativas de suas famílias, deve inscrever-se e entregar a esmola de 15\$00.

Tradicionais Festas de BENCATEL em honra da sua Padroeira SANTA ANA, nos dias 10, 11, 12 e 13 de Agosto de 1974.

O produto líquido reverte a favor da construção da Praça de Touros, oportunamente a doar à sua Junta de Freguesia.

Visite S. ROMÃO a 24, 25 e 26 de Agosto de 1974, por ocasião das suas tradicionais Festas em honra do seu Padroeiro S. ROMÃO e de NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.

DOIS MORTOS E QUATRO FERIDOS NUM CHOQUE DE VEÍCULOS

VIMIEIRO — Na colisão de dois automóveis, ocorrida à saída desta vila, na E. N. 4, faleceram os condutores de ambos os veículos, Joaquim Cosme Baptista (conhecido por «Joaquim Varela»), de 58 anos, residente nesta localidade, e Manuel José Gonçalves Saúde, de 29 anos, casado, residente em Vila Viçosa. Ficaram ainda feridas na colisão, quatro pessoas, que seguem nequeles veículos: Loureza Miguel Novo Saúde, natural de Madrid; Hermínia Rosa Pinheiro Maurício Ferreira Rosa, de 23 anos, casada, empregada de escritório, residente em Setúbal; Maria Vitória Ferreira da Silva, de 21 anos, solteira, residente em Vila Viçosa, e Francisco Mendes Beja.

Os feridos foram transportados ao Hospital da Misericórdia de Évora, onde ficaram internados em estado grave.

Novos mesários na Santa Casa de Portalegre

Pediram escusa dos seus mandatos como Mesários da Santa Casa da Misericórdia de Portalegre os Ex.ºs Srs. Dr. José Carlos Casa Nova Tavares Travassos e Capitão Victor Loureiro Camoesas, tendo sido chamados a prestar a sua desinteressada colaboração os substitutos Ex.ºs Srs. Abílio Leitão Realinho e Jaime Constantino Rodrigues Eustáquio.

A Mesa ficou, a partir do dia 1 do corrente, constituída da seguinte forma:

Provedor — Dr. Plínio Casimiro Serrote; Secretário — Abel Delgado Domingos; Tesoureiro — Henrique Moreira Testa; Vogais: José Martins da Silva Mousinho, D. Maria Isabel Pestana Miguens Alves de Sousa Malato de Sousa, Abílio Leitão Realinho, Jaime Constantino Rodrigues Eustáquio.

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

LEMBRA QUE...

...se as condições de visibilidade não são as melhores, se o nevoeiro e a neblina matinal não lhe permitem uma visibilidade adequada, use os meios e conduza a uma velocidade moderada.

Campanha da Páscoa

MÁQUINAS DE LAVAR, desde	5 600\$00
FRIGORÍFICOS, desde	3 450\$00
TELEVISORES, desde	5 850\$00
RÁDIOS COM GIRADISCOS ESTEREOFÓNICOS desde	2 750\$00
DISCOS L. P., desde	55\$00
ASPIRADORES, desde	1 650\$00
ENCERADORAS, desde	1 600\$00
FOGÕES A GÁS, desde	1 195\$00
ESQUENTADORES A GÁS, desde	1 995\$00

e muitos outros artigos...

ALVICUBA, LDA.

VILA VIÇOSA - Tels. 4 22 50/4 21 02 ★ ESTREMOZ - Tel. 508

Prefira as melhores marcas:

CANDY — ZANUSSI — FAGOR — KELVINATOR
PHILIPS — GRUNDIG — OLIVA, ETC.

Vinhas - Pomares - Eucaliptos

MANUEL CUSTÓDIO CALÇÃO, executa.

- Barragens
- Rippagens
- Subsalagens
- Surribas
- Terraplanagens e todos os trabalhos agrícolas mecanizados

PEGÕES — Telefone 5 61 40

Passagens da vida no Mar!...

NOTA DA SEMANA

Saneamento

Uma das situações mais irrespiráveis que temos vivido é a do aumento galopante e incontido do custo das rendas de casa, que uma cáfila de senhorios gananciosos por todo o País tem orientado como tem querido, servindo-se de serviços e avaliadores oficiais, muitos destes recrutados dentre eles. São frequentes os casos de prédios inicialmente oferecidos por um preço quintuplicado pouco tempo depois sem que entretanto tenha sido aumentado um centavo ao seu custo inicial. Senhorios há que nem os mais elementares trabalhos de conservação e limpeza fazem, na esperança de com essa acção irritarem o inquilino e fazerem-no mudar, o que muitas vezes conseguem. Sabem que de seguida a renda do prédio vale de duas a dez vezes mais.

Por outro lado, existem desses poderosos senhorios o morarem em casas de renda económica, da previdência, enquanto dispõem de casas e apartamentos em Lisboa e na praia onde pagam rendas aí normais, mas de quantitativo astronómico, se atendermos à mingua da renda da casa económica onde vivem a sua vida normal.

Urge acabar com estas situações. Os prédios custaram um preço e as rendas têm de se manter de harmonia com ele; e as casas económicas destinam-se não a indivíduos ricos, funcionários de ordenados chorudos e proprietários de prédios às dezenas, mas às pessoas de economia mais modesta, que são pobres e ganham pouco. Entretanto, era salutar inquirir de como muitos funcionários públicos, mesmo dos de melhor remuneração, de repente se transformaram em ricos proprietários de prédios urbanos. Podia começar-se por Évora.

ALENTEJO DO PASSADO

(Continuação da página 10)

de Mercês da Casa de Bragança, donatária da referida vila desde que Sousel fora dada por D. João I ao Condestável (1408), com outras posses, em troca de Alvaázere, Rabaçal, Pereira, Nóbrega e Vila Nova de Anços, e depois doada por Nun'Álvares Pereira a seu neto D. Fernando, conde de Arraiolos.

Lembremos, por conseguinte, entre outros beneficiados pela magnânima generosidade do Duque os seguintes naturais ou moradores souselenses dos fins do séc. XVI e princípios do séc. XVII, em plena dominação castelhana:

Bento Álvares (1583), escrivão das armas (insígnias das corporações e ofícios); *António Homem* (1587); *Álvaro Rodrigues* (1592), tabelião; *Manuel Gonçalves Velho* (1591 e 1604), procurador do número (dos 12 representantes dos ofícios, delegados junto da câmara), primeiro em Sousel, depois em Monforte; *João Álvares* (1594), bacharel pela Universidade de Salamanca, também procurador, assim como outro procurador, *Pedro Afonso Farinha*; *Manuel Bugalho* (1598 e 1600) e *Belchior Bugalho* (1601), ambos escrivães dos Doze do Concelho; *Manuel Martins* (1598), procurador do número; *Gaspar Rodrigues* (1601) procurador; *António Galego* (1602), juiz; *Cristóvão Lopes* (1606), escrivão dos Órfãos e da Almotaxaria (fiscalização de preços, pesos e medidas) e tabelião; *Fernão Godinho* (1607), juiz dos Órfãos; *António de*

Barbuda e seu pai *Lopo de Barbuda* (1604); *Manuel Pires* (1610), porteiro dos Órfãos e da Almotaxaria; *Pedro Silveiro Preto* (1611), escrivão dos Doze; *Gregório Fernandes* (1611 e 1617), escrivão dos Mesteres (ofícios); *Manuel Fernandes Barrão* (1612), vedor dos panos (fiscal dos tecidos); *Miguel Homem da Costa* (1613-1614), escrivão dos Direitos Reais e da Almotaxaria, além de contador, inquiridor e distribuidor (de processos judiciais); *André Bugalho* (1616), também escrivão dos Mesteres; *Gaspar Martins* (1620), vedor dos panos; *Bartolomeu Canejo* (1623), escrivão dos mesteres; *Custódio Rodrigues Calça* (1623), tabelião de notas e do judicial e juiz dos Órfãos, filho de um *António Calça*, que foi moço da Capela do Duque em Vila Viçosa, a quem serviu com muita dedicação em importantes empresas, e de quem falaremos em próximo artigo.

M. I. Pestana

Teatro Popular Português

AO SUL DO TEJO

Por AZINHAL ABELHO

O Dr. Azinhal Abelho, alentejano de ali da Orada, apreciado poeta com lugar definido na nossa língua, investigador até ao limite máximo do possível, prosador distinto dedicado ao teatro, à história, ao conto, à novela e à etnografia, publicou recentemente o 6.º volume do «Teatro Popular Português», dedicado «Ao Sul do Tejo».

Numa tarde de canícula, sob a parreira de uvas moscatéis da reitoria da minha aldeia, dialogávamos com o nosso prior; visita obrigatória que tínhamos de fazer sempre que ali acorriamos, buscando retemperamento provinciano, para vencer as intempéries de longos meses de trabalho, entre céu e água, na massa líquida que atravessávamos durante algumas décadas!...

Nós, os de fora, embora ali nascidos, acabávamos por ser conhecidos por brasileiros, africanos, americanos e beneficiados; vivendo à mesa do orçamento, perante o senhor farmacêutico, comerciante de grande estilo e proprietários de mais renome, que se acolhiam à sombra do priorado, para provar o vinho da cepa especial, a que dávamos o nome de néctar para rezar a missa!

A cavaqueira, tinha muito de apreciável e dela sempre sobressaía aquilo a que hoje chamamos convívio e amizade pura!...

Oriundos da Marinha, éramos interpelados para contar passagens da nossa vida. A abrir, quisemos pô-los de sobreaviso, na presença dos senhores doutores: do tribunal e dos doentes, como eram conhecidos; de que um homem da aldeia, embora analfabeto, viajado, sabe descrever o que viu com os olhos e não aquilo que a literatura lhes apresentou ou a fantasia de muitos escritores.

Num entreolhar de macróbios inteligentes, todos entreabrimos os lábios, para insistir na abertura de colóquio, que não se fez esperar, com a chegada de mais emigrantes, para saudarem o santo-varão, na sua vilegiatura.

Antes de suporem que vou dramatizar certas acções, quero tranquilizá-los — afirmamos — de que por não ter um grande poder de encaixe, por vezes, entro por um velho lago sussurrante e azul, repleto de novidades, para me escapar depressa, através de pinhais de sombra sonolenta e amável, que me transformam e às minhas palavras, num caudal de labaredas!...

A filosofia do nosso Reitor, atirou-nos com a acha indiscreta: «É muito curiosa a historia-zinha de abertura?».

Detentores do que tínhamos registado nas nossas viagens pelo Extremo-Oriente, Terra-Nova, Groenlândia, Inglaterra, Canadá e América, aliadas à permanência em todas as nossas províncias ultramarinas, seríamos o tal tratado ou enciclo-

pédio como nos chamavam, se não tivéssemos já publicado algo, nos jornais regionais, sob um pseudónimo que poucos conheciam e, depois, comparavam com o que tinham lido, supondo que estávamos a plagiar aquilo que já conheciam e lhes queríamos apresentar!!!...

Em cada tarde, cada um tinha a palavra, todavia, nós, os visitantes, éramos ávidamente disputados pela fluência de expressão, no que rematava serem favores dos patrícios para me puxarem pela língua, e, se não saía asneira, viria algo semelhante para deixar comentário, até a uma provável volta e sofrer as mesmas consequências!

Abri o livro de memórias, no encontro, e por certo, nos que aqui ou noutra gazeta se seguiriam, com:

«O QUE É ISTO?» — (Exclamação do Comandante que, ao sentar-se na embarcação que o conduzia a bordo, em uniforme de representação, foi bafejado com o bombardeamento excrementoso de uma gaivota que pairava sobre a embarcação), e teve o remate espontâneo do marujo, que timorava a mesma, com um: «Não desfazendo, Sr. Comandante, isto é o presente a que já estamos habituados, das galinhas do Senhor patrão-mór»!!!

A obediência, simbolizada caracteristicamente pela disciplina militar, noutros tempos, constituíam uma camaradagem e alegre distração, bordadas de frases simples e chistosas, evocadas por esses espíritos sem cultura, colmatadas por ditos jocosos, a que o improvisado das arreigadas gentes do mar, emprestavam valor de «slogan», que acabavam nas revistas-operetas do Parque Mayer!...

Temos um corolário de casos do género que, transformados em conto, são novidade, apesar de datarem dos últimos 40 anos!...

No antigo Arsenal de Marinha, em Lisboa, imagem remota do movimento que se registava, nas últimas décadas, existe a Casa do Marinheiro, onde no salão de convívio, poderão apreciar gravuras do que autenticamente se passa no dia-a-dia da vida do mar.

Parece disparate, todavia, os factos passaram-se:

Uma ordenança de serviço ao telefone, ao responder-lhe do outro lado do fio, o Comandante, levantou-se e perfilado, manteve-se na posição de sentido até desligarem!

Gaivotas em terra, borrasca no mar!

Gaivotas no mar, sinal de terra próxima!

Voltando-nos para as «Galinhas do Patrão-Mór», cuja capoeira, ainda hoje se nota, do lado da Ribeira das Naus, aberta a alguns anos para dar origem à Avenida que liga o Terreiro do Paço ao Cais do Sodré. Era aqui, que existia o cais de embarque para o Quadro dos Navios de Guerra, hoje concentrados na Base Naval do Alfeite, ao lado do grande estaleiro Naval da Margeira, no Pontal de Cacilhas. A capoeira em causa, são os telhados do Ministério da Marinha, de onde as gaivotas não arredam e fa-

zem frente às outras aves, que ali acorrem, na busca dos alimentos que os ranchos da marinagem lhes proporcionam.

O cais de embarque do pessoal da Armada, era um cais conhecido por caldeirinha, que desapareceu conjuntamente com uma doca seca e alterosos guindastes a içar as caldeiras, de cujos pilares brotava a água mineral que alimenta ou abastece o Arsenal de Lisboa, situado junto ao mercado da Ribeira, mais conhecido pelos Banhos de S. Paulo.

Junto a esta pequena desaparecida doca, ainda existe a chamada Casa da Balança, vestiário de oficiais e ponto de reunião dos mesmos. Por esse tempo, era ali que se fardavam os novos comandantes dos navios para assumirem o Comando.

No dia da posse de um deles, ao embarcar de «ponto em branco», uniforme de grande gala, na pequena embarcação que o conduziria ao seu navio, foi saudado com a descarga do ventre de uma das numerosas gaivotas que vegetam no local, e daí a frase, irritante, do oficial: «Mas, o que é isto sem graça nenhuma??», que originou a resposta grotesca do patrão da embarcação, sob olhares vesgos e comprometedores, ao exclamar: «ser um velho presente das velhas galinhas do sr. patrão-mór (oficial do quadro dos sargentos que superintende na manobra do tráfego) que, com licença do sr. comandante e não desfazendo... são umas autênticas velhacas e porcalhonas...». Ao que o comandante ripostou: «Não desfazendo em ti, lá porcalhonas de facto foram, e não tinham sido, se olhasses para o ar, e desviasse a embarcação do seu traseiro!...».

E, como um parafuso sem-fim, ponto por hoje, até outra data.

Reboleira do Norte, Amadora, 1-4-74.

António F. Gomes
(Repórter Max)

Mário Soares

(Continuação da página 1)

novo, merecia-nos, como a de tudo que se estava a passar em Portugal, uma edição especial e ao atendermos o telefonema pensámos mesmo nisso. Dispúnhamos, para tanto, de uma reportagem de excepção, acabada de colher ao vivo, a valorizar um número especial deste jornal para perpetuar nas suas páginas uma hora grande do maior acontecimento nacional. Mas este jornal, pobre semanário de província, não pode concorrer com os de grande informação, e assim deixamos para estes as grandes reportagens; nas nossas páginas só podem aparecer actualizadas as de acontecimentos vividos e conhecidos apenas no meio, que nunca os grandes feitos nacionais. Estes exigem uma actualidade de informação que não está ao nosso alcance, e repetir nas nossas páginas o que os leitores souberam por outros meios muitos dias antes, é abuso que só involuntariamente cometemos.